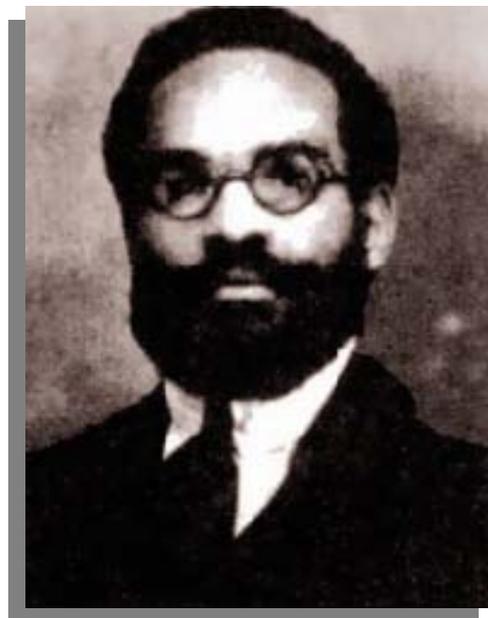


## “TRAJETÓRIAS ANARQUISTAS EM CAMPOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX”<sup>1</sup>

(...) **DJALMA FETTERMANN**- Nascido em Porto Alegre, no dia 17 de junho do ano de 1893, foi um dos mais importantes nomes do movimento operário gaúcho, levando a utopia anarquista à prática, até o fim de sua admirável vida, em 15 de julho de 1973, no Rio de Janeiro (MARÇAL, 2008, p. 52-53).

Djalma, assim como seu irmão Cristiano indiscutivelmente foram grandes exceções para a época, sob vários aspectos primeiramente, por serem de família humilde; a segunda, pelo aspecto étnico, pois eram netos de escrava, ou seja, havia em suas veias o sangue daqueles que sofreram com a escravidão.

Nesse contexto, não podemos esquecer o olhar da sociedade dessa época: extremamente hipócrita e racista a qual derramava à discriminação étnica e cultural. A Lei Áurea havia entrado em vigor à tempo, assim, esse problema continuava assombrando toda a população, seja diretamente ou indiretamente, inclusive por décadas posteriores.



Teoricamente não iriam conseguir sequer serem alfabetizados. Porém toda regra tem exceção, e essa família demonstrou sua força de cunho intelectual logo cedo.

Seu pai, nascido na Alemanha, era sapateiro, acabara falecendo muito cedo, deixando toda a responsabilidade do sustento familiar nas mãos de seu irmão Cristiano, que era mais velho.

Cristiano estudou com o professor Aquiles Porto Alegre, que considerava-o como menino prodígio. Antes de terminar os preparatórios, já dominava o Latim e o Grego (MARÇAL, 1995, p.73) passando a fazer traduções. Essas traduções conseguia o sustento da família. Exímio poliglota, dominava vários idiomas, fazendo parte da fundação da Escola Elyseu Reclus em 1906.

Ingressou na Faculdade de Direito, porém formou-se três anos antes de falecer, na cidade de Porto Alegre.

Com essa grande referência em sua própria casa, Djalma acaba seguindo os passos de seu irmão e conclui os preparatórios, dominando vários idiomas, principalmente o francês, idioma que mais gostava.

---

<sup>1</sup> Texto disparador para a atividade CELIP – Circulo de Estudos Libertários Ideal Peres em Campos dos Goytacazes, dia 07 de fevereiro de 2014. Retirado do em trecho TCC - **MANOEL DA CONCEIÇÃO RIBEIRO - EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO OPERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: ESCOLA MODERNA DA COLÔNIA AFRICANA E ESCOLA ELYSEU RECLUS**. Trabalho monográfico apresentado ao Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert, ISEPAM - FAECTEC, como requisito parcial para obtenção de licenciado em Pedagogia. Campos dos Goytacazes – RJ, Dezembro/2013 (VERSÃO PRELIMINAR).

Além de professor, Djalma exerceu outras profissões como ourives, gráfico, e metalúrgico. Essa última, em especial, tivera uma grande atuação no quarto Congresso Operário Brasileiro, ocorrido entre os dias 07 a 15 de novembro de 1912, sendo evidenciada sua participação como representante dos Metalúrgicos da Sociedade de Porto Alegre:

[...]. Sociedade de Porto Alegre:  
Pedreiros- Luis Derivi.  
Metalúrgicos- Djalma Fettermann.  
Centro Operário- Narciso Barlese.  
Tipógrafos- Edmundo Richter.  
Costureiras- D. Cecília Accacia,[...], Sociedade Operária Alemã- Guilherme Kock.  
Chapeleiros- Aristides Nardi.  
União Operária- Antônio Caribone. [...].  
(CONCLUSÕES DO 4º CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO, 1912, p. 22).

A solidariedade do grupo anarquista era tanto que retirou-se toda a bancada gaúcha do plenário em solidariedade a condenação de Henrique Martins( quatro meses de prisão e pagamento de multa no valor de 450\$000), (BILHÃO, 1999, p.101).

A militância operária fervilhava dentro de Djalma, a ponto de colocar em prática seus ideais anarquistas. Unindo-se a outros camaradas que compartilhavam de mesmos ideais, elaboraram uma escola, com a pedagogia voltada especialmente para os operários (as) e seus/suas filhos(as) no ano de 1906, fazendo parte da fundação da EER, defendendo a educação autônoma do operariado e seus filhos, impedindo a intervenção do Estado.

Na EER, Djalma Fettermann passa a aplicar aulas de Alemão, Português e Francês, sua idioma favorito. (MARÇAL, 1995, p.75).

A militância porém não o deixava em estado estático, pois acreditava poder contribuir ainda mais para o processo de transformação social dos operários, engajando-se em outras frentes de luta, como sua entrada na União Operária Internacional, fundada em 1905, onde em 1909 os anarquistas assumem a direção, extinguindo também o cargo de presidente, conseqüentemente, fortalecendo a diretoria. Em 1911, Djalma Fettermann é eleito como um dos diretores. João Batista Marçal informa sobre a eleição para a diretoria no ano de 1911:

Diretoria eleita em julho de 1911:  
Secretário- Polidoro Santos  
Tesoureiro- Manoel Aguiar  
Bibliotecário- Pedro Mayer  
Diretores- Carlos Toffolo, Tarquínio Strapazone, Djalma Fettermann, Anastácio Gago Filho, André Arjona, Mariano Hernandez.  
Comitê de propaganda operária- Jerônimo Batista, Polidoro Santos e Joaquim Offmeister. (MARÇAL, 1985, p.92)

Devido a confiança que todos depositavam em Djalma, em junho de 1912 surge outra eleição, onde Djalma muda de função, saindo da diretoria e assumindo como tesoureiro União Operária Internacional, como relata Marçal (1985):

Diretoria eleita em junho de 1912  
Secretário- Antônio Cariboni  
1º Tesoureiro- Djalma Fettermann  
2º tesoureiro- Joaquim Monteiro  
Bibliotecário- Joaquim Baptista  
Diretores- Anastácio Gago Filho, Carlos Toffolo, José Scharlan, Felício Andreoli, José Mesquita e Joaquim Hoffmeister. (MARÇAL, 1985, p.92)



Em junho de 1911 a sede da União Operária Internacional, traz para seu espaço a EER.

Em 1915 junto com outros camaradas, fundam a EMCA. Mantida pela Sociedade de Pró Ensino Racionalista fundada em 1916.

Essa escola estava situada num dos redutos mais pobres de Porto Alegre, na Colônia Africana, de predomínio negro e judeu, por isso sua desejo de inserir essa escola,

como forma de auxiliar seus companheiros.

Tivera grandes atuações a qual o evidenciaram, como a greve geral de 1917, entre outras manifestações.

No ano de 1919 é aprovado entre os primeiros no Concurso dos Correios, optando para seu local de trabalho o Rio de Janeiro, exercendo trabalhando no Correio Ambulante (MARÇAL, 1995, p.76).

Anos mais tarde, Djalma é aprovado novamente, agora como Oficial Administrativo, onde acaba sendo nomeado Inspetor dos Correios e Telégrafos, trabalho itinerante

O DOU digitalizado da data de 02 de dezembro de 1939 confirma seu emprego nos Correios:

[...] Os funcionários constantes da presente folha compareceram ao serviço normal nas horas de expediente e prestaram os serviços extraordinários fora das horas normais de trabalho na Diretoria tio Material e Protocolo Geral.  
DOVO ni-Folha de pagamento de gratificações relativas ao mês de  
— Pessoal Subconsignação n. 59 — Item br o de 1939 — Verba I  
Coniissõeek diversas.  
01 —Nomes — Cargos — Import.:Meias  
3000 Lourenço Alves Coelho, oficial administrativo I

Valdemar Duque Estrada de Barros Teixeira, oficial ad-300\$0 miaistrativo 1200\$0  
António Vieira de Miranda Evora, escriturário G 20030  
Claudionor Pinto de Assis, oficial administrativo, 200\$0  
Djalma Fettermann, oficial administrativo, H • 20030  
Iledwige Czarnota Bojarski, escriturário, G 2000  
[...]. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 02/12/1939).

Exercendo agora essa função, Djalma passa a viajar constantemente, acabando por fazer um importante trabalho: auxiliar a fuga dos companheiros anarquistas perseguidos pelo Governo, usando uniformes dos funcionários dos Correios. Com essa estratégia, muitos militantes conseguiram fugir das perseguições do Governo. Um grande nome que conseguiu fugir desse jeito foi Nino Martins, fundador e professor das EER e EMCA.

Djalma também tem grande participação na articulação dos Trabalhadores dos Correios de Campos dos Goytacazes.

Durante o período que estivera em Campos, é que enfim Djalma consegue casar- se com sua companheira de sala de aula: Dulcina Reichenbach Martins (MARÇAL, 2008, p.53), num domingo, 14 de junho de 1925, na casa de Zenon de Almeida, cunhado de Dulcina. Zenon é outro Co- Fundador das EER e EMCA.

O grupo de anarquistas na cidade de Campos dos Goytacazes era grande, muitos eram do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, [...] (BILHÃO, 1996, p.207), onde acaba afirmando a importância do trabalho de Djalma no auxílio à fuga, entre outras atividades, dando continuidade a militância.

Campos dos Goytacazes em sua rica história também viu o surgimento de grupos anarquistas, militando na própria terra Goytacá. Os anarquistas não eram apenas de outros estados, como Rio de Janeiro, São Paulo ou Rio Grande do Sul, porém da própria terra. Articulavam-se em formas de Associações ou Ligas, como a Associação dos Carteiros, a Liga dos Carroceiros e Liga dos Padeiros.

Durante a década de 1910 existiam uma forte e temida associação na terra Goytacá, a Liga dos Carroceiros. Esses destemidos trabalhadores, labutavam de forma digna, porém caso houvesse qualquer tipo de exploração, não aceitavam e organizando- se em grupo, logo partiam para a ação direta, seja através de brigas, ou “quebra-quebra”.

Os carroceiros não aceitavam “levar desaforo para casa”, por esse motivo foram logo taxados como os mais “brabos”, tornando-se uma associação muito temida de Campos dos Goytacazes.

João Lopes<sup>2</sup>, em entrevista a GOMES (1988) informa sobre a Liga dos Carroceiros de Campos dos Goytacazes:

---

<sup>2</sup> João Lopes integrante da Liga dos Padeiros de Campos dos Goytacazes, ( GOMES, 1988, p.81)

G<sup>3</sup> -Além da Liga dos Padeiros, havia alguma outra associação de trabalhadores em Campos nessa época?

J.L<sup>4</sup> –Tinha a Liga dos Carroceiros, que eram os anarquistas mais “brabos” de Campos. Brigavam, batiam, quebravam, fazia o diabo. (GOMES, 1988, p.81).

Outra liga, a dos padeiros, também era muito forte e organizada. João Lopes, relata um pouco do trabalho nas padarias de Campos dos Goytacazes:

G- Como era o, trabalho nessa padaria em Campos?

JL- A maioria das padarias de Campos era de italianos, e eles também faziam macarrão. [...] Fiquei conhecido como “Menino de Ouro”.

Os padeiros e os forneiros trabalhavam a noite toda e saiam de manhã para entregar pão na rua. O pessoal saía daquela quentura do forno para apanhar chuva. Resultado: muitos caíram doentes.

[...] o almoço era às 11 horas em ponto. Se chegasse atrasado, perdia a boia. Isso foi me fazendo uma revolta.

O pessoal lá vivia dizendo: “A gente tem que acabar com esse negócio de padeiro ter que entregar pão e perder a comida se chegar atrasado. Vamos fazer uma greve!” “Ai eu fiquei com pena de uns três que perderam o almoço, e disse: Ah, é agora mesmo!”

Puxei a toalha, joguei tudo no chão e sai correndo pelo corredor. A Madame, que era italiana gritava: “Gioani! Ficou maluco, Gioani”. E eu: é greve, é greve! Daí, outra padaria que era mais na esquina se juntou, e ferrou a greve. Fui muito aplaudido pelos companheiros, e foi aí que eu conheci o chefe dos anarquistas o Valdomiro da Fonseca Teles. (GOMES, 1988, p.80).

Valdomiro era um homem gordo e forte e os patrões tinham muito medo. Utilizava práticas pouco higiênicas, na padaria, como deitar em cima do tabuleiro completamente pelado. Além disso xingava muitos palavrões, além de andar sempre com um revólver na cinta. Vivia dentro das padarias, porém mantinha contato com todos os anarquistas, como relata João Lopes:

G– Vivendo trancado dentro da padaria, ele tinha contato com outros padeiros?

JL- Tinha, os padeiros iam de noite lá na padaria dele para conversar. Nesse dia da greve ele mandou me chamar, e eu fui. Ai disseram: “Olha, vamos formar esse negócio de Liga dos Padeiros”, assinei e fiquei de sócio. (GOMES, 1988, p.81).

Os anarquistas além de reunirem-se na casa de Valdomiro, tinha encontros diários num botequim na rua Aquidabã, pois era o local onde as pessoas do interior procuravam por padeiros.

Algumas ações eram bem sucedidas graças ao conhecimento de Valdomiro, como relata João Lopes:

G- O senhor lembra de alguma ação, alguma outra greve que os anarquistas tenham promovido nesse período?

JL- Depois da greve fui morar na casa do Fonseca. Aí ele fazia o seguinte. Virava para mim e dizia: “Menino de Ouro, você vai para Tocos e acaba com a padaria de lá. O dono manda os padeiros lavarem cavalo! Acaba com aquilo lá.” Eu ia e acabava.

---

<sup>3</sup> G: Gomes;

<sup>4</sup> JL: João Lopes.

G- Como?

JL- Sabotando. Por exemplo: na padaria, tinha um bolo de massa com fermento pesando um quilo. No dia seguinte, a gente juntava mais massa e aumentava o bolo para dez, vinte quilos. Mas se a gente lavar a mão com sabão virgem antes de desmanchar esse bolo de massa, o pão não cresce, e o sujeito não descobre o defeito. Sem pão, a padaria vai a falência. Acabei com duas padarias em Campos. O Fonseca sabia cem mil segredos de padeiro. (GOMES, 1988, p.81).

O ensinamento anarquista era passado através de livros, principalmente na questão social, como explicita João Lopes:

G- Ele lia algum livro, mandava os outros lerem? O que ele dizia que era o anarquismo?

JL- Ele lia, tinha livros e ensinava os padeiros na questão social. Dizia que o anarquismo ia salvar o mundo. (GOMES, 1988, p.82).

Nos anos de 1943 e 1947 Djalma viaja para Porto Alegre, mas acaba retornando para o Rio de Janeiro.

Djalma adere a Aliança Nacional Libertadora (ANL), onde acaba sendo punido muitas vezes nos Correios, porém eles acabavam anistiando-o as punições devido suas versões de materiais e teses em francês que os correios apresentavam aos Congressos Postais Universais (MARÇAL, 1995, p.76), pois o francês é linguagem clara da União Postal Universal.

A ascensão que tivera nos Correios foi indiscutivelmente devido seu maravilhoso trabalho.

Djalma continuara a contribuir na educação dos operários, agora sob um outro viés, mais precisamente dentro dos movimentos sindicais. Ele tinha muita preocupação com a autonomia dos operários, como informa Isabel Bilhão, através de entrevista a Marat<sup>5</sup>:

A respeito da autonomia do operariado eu ouvi muitas vezes conversas entre Djalma e Zenon que diziam o seguinte: que esse fato dos indivíduos poderem optar por uma posição especial enfraquecia o movimento, isso era unânime, porque Djalma era representante de uma entidade internacional Anarquistas.... e foi um homem engajado até o fim da vida.[...]. (BILHÃO, 1996, p.206).

Dentre os pensadores que Djalma citava, estava o grande autor anarquista Proudhon, como relata Bilhão (2006):

Quanto a ideologia, Zenon e Djalma citavam muito Proudhon, esse nome eu ouvi desde muito cedo, Bakunin ,nunca ouvi nem Marx... nas conversas que eles tinham ao redor da mesa que eu ficava ali ouvindo. (BILHÃO, 1996, p.206).

No dia 15 de junho de 1973, Djalma Fettermann veio a falecer, deixando a história desse homem que tinha tudo para ser apenas mais um oprimido, porém tornar-se em uma das lendárias figuras do anarquismo do Rio Grande do Sul e do Brasil. (...)

---

<sup>5</sup> Marat Budaszewski é filho de Zenon de Almeida com Eulina Reichebach Martins.

**ZENON DE ALMEIDA-** Seus pais, os poloneses Ignáci Budaszewski e Leocádia, naturais de Varsóvia, tinham também em suas veias os ideais revolucionários.

Ignáci, falava o português sem qualquer sotaque. Era oficial sapateiro formado em Varsóvia, especializando-se em Porto Alegre em sapatos femininos. (Bilhão,1996, p.198).

No Brasil, mais precisamente, em Navegantes, Porto Alegre, no ano de 1892, Leocádia dá a luz a um menino o qual levará o nome de Zenon Budaszewski.

(...) Viaja para o Rio de Janeiro onde passa a morar em 1912. Na cidade maravilhosa, passa a lutar pelas causas operárias, dirigindo o Sindicato dos Sapateiros, (nesse mesmo ano), fazendo inclusive palestras em inúmeros sindicatos. Fez parte do grupo que reestruturou a Confederação Operária Brasileira (COB).

Zenon também esteve presente, na redação de alguns jornais e folhetos operários, como: A Voz do Trabalhador e Terra Livre (1915), A época, A Luta(1916), O Nosso Verbo, (1919).



Como era um apaixonado pelas artes, em especial, o teatro, via essa arte como um “excepcional veículo de aculturação e crescimento político da massa proletária” (MARÇAL, 1995, p.35). Juntando-se a Orlando Corrêa Lopes e Santos Barbosa, criam em 31/08/1913 o Grupo Dramático de Cultura Social. Em 04/01/1914, Zenon assina como teatrólogo, durante um espetáculo em benefício da COB, apresentando a peça cômica “Pacatos”, cujo autores eram Zenon e Santos Barbosa. A plateia adorou sua peça como informa João Batista Marçal (1995):

Nessa data foi apresentada a peça cômica Pacatos, em que um ato, de autoria de Zenon e Santos Barbosa. E agradou tanto que a apresentação foi repetida em novo espetáculo operário, agora no Teatro do Centro Galego do Rio de Janeiro, em 04 de fevereiro desse ano. (MARÇAL, 1995, p.35.)

Ao lado de Orlando Corrêa Lopes, passa a divulgar o ideário anarquista, agora sobre um outro viés, dentro das peças teatrais.

A arte motivara tanto Zenon que inclusive traduziu a peça italiana “triste carnaval”, apresentado no Teatro do Centro Galego, em benefício ao jornal A Voz do Trabalhador, como informa o próprio jornal:

O Grupo Dramático Cultura Social, desta cidade, e composto por operários amigos nossos, decidiu realizar uma festa de propaganda cujo produto reverterá em benefício de A Voz do Trabalhador, como contribuição no combate ao déficit o jornal.

Nós esperamos que os camaradas do Rio concorram em massa a casa festa. E uma ótima ocasião de auxiliar o órgão da Confederação Operária Brasileira. O programa é o seguinte:  
1ª parte- Conferência pelo Dr. Orlando Correa Lopes.  
2ª parte- primeira representação do drama em 1 ato- Triste Carnaval, traduzido do italiano pelo companheiro Zenon de Almeida.  
3ª parte- Intermédio variado.  
4ª parte- representação da comédia em 1 ato, de Zenon de Almeida, Amores em Cristo.  
5ª parte Baile familiar. (A VOZ DO TRABALHADOR, 05/07/1914)

A peça foi um enorme sucesso, “trazendo a plateia em contínua hilaridade.” (MARÇAL, 1995, p.35).

Zenon volta para o sul do país, especificamente à Pelotas, no intuito de auxiliar os camaradas da classe operária. Trabalhando agora na profissão de Químico Industrial que adquiriu durante suas viagens pela Europa. Emprega-se como Auxiliar Químico no Frigorífico Amour.

Auxilia seus companheiros fazendo palestras no Centro de Estudos Sociais, sob comando de seu camarada de luta, Antônio Gomes da Silva.

Nessa época, funda o Teatro Primeiro de Maio, na Casa dos Trabalhadores além do Ateneu Sindicalista Pelotense, instituição que educava e preparava o operariado com seus ideais revolucionários, como informa o jornal A Voz do Trabalhador:

#### Notas gaúchas

É positivamente satisfatório o desenvolvimento que se observa na Pelotas proletária. O interesse pelos novos ideais não de nivelar a humanidade futura, pela grandeza da nossa causa e pela imprensa que por essa causa luta, inclusive A Voz do Trabalhador, - são o testemunho vivo de que o operariado pelotense quer também evoluir, quer também revolucionar-se.

Ateneu Sindicalista Pelotense, instituição proletária de instrução, educação e preparação prática, por meio de preleções lidas e faladas, cópias de trechos de livros úteis,- sociológicos e científicos,- provas de escrita, etc.

A inauguração do Ateneu, efetuada domingo ultimo, foi imponente, tendo o companheiro Zenon de Almeida dissertado com muita felicidade, sobre o ensino racionalista.

As aulas por enquanto funcionarão às quartas e sextas feiras, á noite. (A VOZ DO TRABALHADOR, 14/08/1914).

Zenon também colabora com o Ateneu, através de palestras na Federação Operária de Pelotas (FOP), como informa o jornal A Voz do Trabalhador: “ A Federação Operária de Pelotas entrou numa nova fase de vida de que algo se espera em favor do operariado. No dia 28 do corrente, o companheiro Zenon fará uma palestra com o tema: Princípios de organização operária”. (VOZ DO TRABALHADOR, 05/08/1914).

Zenon transita entre Pelotas e Rio de Janeiro. Anos anteriores, passara a utilizar o sobrenome de Almeida devido a repressão do Governo aos estrangeiros. Para burlar qualquer

tipo de repressão de Governo, Zenon utilizava outros nomes nas assinaturas dos jornais. Espártaco do Sul era um de seus nomes.

Cecílio Vilar, então o convida para voltar a Porto Alegre, Zenon aceita.

Na EMCA, Zenon passa contribuir como professor e dirigente (MARÇAL, 1995,p.37), nesse mesmo período, outros sentimentos surgem, principalmente depois de conhecer e trabalhar com a professora Eulina nessa escola. Esse sentimento transborda a barreira da paixão. Um misto de companheirismo e orgulho, recheado de respeito mútuo. Isso conseqüentemente, foi o início das mais belas páginas da história de casais do operariado gaúcho e Brasileiro.

Esse amor transforma-se em compromisso real, em 1917. Agora casados, viajam para Rio Grande, Zenon consegue emprego na Swfit. Viajam para Pelotas, onde nasce o primeiro fruto do amor do casal, um menino que deram o nome Marat, no ano de 1918, relatando o próprio Marat à Isabel Bilhão (1999, p.105): “[...], depois passou a Pelotas, onde eu nasci, em 1918, na sede da União Operária de Pelotas, onde minha família estava abrigada por ainda não ter encontrado casa.[...]”

Estando em Pelotas Zenon consegue trabalho na Arno, porém a polícia estava sempre o perseguindo, devido sua militância operária: ele possuía um prelo portátil, onde imprimia panfletos aos operários nas portas das fábricas, com intuito de auxiliá-los. Esse trabalho todos da família participavam. O conteúdo dos folhetos tinha ilustrações humorísticas extremamente mordazes antiburguesas e anticlericais, já que ele dominava a técnica de clichê e desenhava muito bem (MARÇAL, 1995, p.38).

A polícia acabou o descobrindo, porém seus camaradas anarquistas explicaram que era interessante que ele e sua família fossem para outra cidade para não serem presos. Assim fizeram, seguindo para a cidade de Santa Maria, onde seu segundo fruto nasce, uma menina que deram o nome de Laura (Bilhão, 1996, p.202).

Nessa cidade Zenon passa a trabalhar na viação férrea, onde conseqüentemente, seu prelo acaba sendo descoberto e retido. Acabaram sendo expulsos da cidade, sendo inclusive vigiados até seu destino final, São Paulo. Chegando na “Terra da Garoa”, logo entram em contato com grandes camaradas anarquistas, em especial, Edgard Leuenroth. Seguem então para o Rio de Janeiro. Devido as viagens, seu filho Marat acaba contraindo Poliomielite, sendo tratado no Rio de Janeiro mesmo. Zenon e sua família foram morar na Praia da Engenhoca, Ilha do Governador, na casa de outra família de anarquistas. Zenon logo consegue emprego na Anglo Mexican Petroleum Co.LTDA (atualmente a empresa Shell). Devido sua fluência em vários idiomas, especialmente o inglês, seus chefes, que eram ingleses, logo o mudaram de função, passando a ser Apontador. Logo Zenon é enviado para o depósito em Campos dos Goytacases, que “ficava muito próximo da cabaceira da ponte velha do lado de Guarulhos, era um depósito de gasolina e querosene. Ele, como soldador, fazia o trabalho de consertar as latas onde eram embalados os produtos...” (BILHÃO, 1996, p.203).

Em Campos dos Goytacazes, Zenon utiliza todo seu vasto conhecimento de química, passando a montar fábricas, não deixando seu trabalho na Anglo Mexican Petroleum. Fabricou éter sulfúrico,( entre 1921 a 1930), conseqüentemente o lança perfume dos carnavais; duas fábricas de café; brilhantina que servia para alisar cabelos, muito procurado pelos jovens negros da região; balas; colorau; sabão, entre outras. Finalmente, anos mais tarde, em 1928, consegue seu diploma de Químico Industrial em Niterói.

Ao lado do engenheiro alemão Frank Rohl, o qual não falava o português, auxiliou Frank na montagem o primeiro rádio transmissor da cidade. Chegou inclusive a estar no ar, porém, Infelizmente não conseguiram o registro para a emissora, por causa da escolha política de Zenon, que era oposição à Revolução de 1930.

Durante as viagens ao Rio de Janeiro, conhece Astrogildo Pereira, fazendo uma grande amizade. Nas viagens de Astrogildo à Campos dos Goytacazes, acaba hospedado na casa de Zenon.

As viagens de Astrogildo era para reestruturar o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

A casa de Zenon era muito visitada, desde operários articulando seus sindicatos, auxiliando seus companheiros nas fugas, utilizando o grande apoio de Djalma, seu co- cunhado.

Zenon ao denunciar a revolução como “burguesa, incapaz de resolver os gravíssimos problemas brasileiros”(MARÇAL, 1995, p.40), acaba sendo preso com outros camaradas. É levado para o Rio de Janeiro.

Ao voltar à Campos, descobre que está sendo vigiado. Acaba perdendo o emprego na Shell. Sua vida torna- se mais difícil em Campos, principalmente pela perseguição que os fiscais do governo fazem nas suas fábricas.

Consegue trabalho em jornais no Rio de Janeiro. Como sua família ficara em Campos, consegue com auxílio de Djalma, levar sua família para o Sul, em 1936.

Em 1939, durante a segunda guerra, na invasão dos nazistas a Polônia,

conseqüentemente na queda do governo polonês, Zenon passa a fazer traduções para a embaixada, auxiliando a “desembaraçar- se dos elementos fascistas, poloneses, que pervertiam a notícia dos acontecimentos”. (MARÇAL, 1995, p.40). colaborou com a Embaixada até 1940, quando subitamente falece, aos 48 anos, sem jamais deixar de lutar pelos ideais anarquistas.

